



www.doi.org/10.21680/2763-6488.2019v1n1ID24851

03 razões porquê - Pesares de um futuro professor

Olá, futuros e atuais professores. Quem escreve aqui é Diego Medeiros. Ao vivo e por escrito. Espero que vocês estejam prontos, porque vou contar aqui minha história com a licenciatura. Mas especificamente, por que ela perpassa meios conflituosos. E se estiver lendo essas palavras, talvez você também possa estar vivendo experiências semelhantes.

Embora desde pequeno tivesse convicção que seria um arquiteto, minha mudança de São Paulo para o Rio Grande do Norte colocou em cheque tal certeza. Para ser mais exato, minha aproximação com meus tios potiguares, que são professores, escanteou plantas e maquetes para dar espaço aos livros e aos pilotos. Embora seja suspeito para discorrer sobre, carrego uma enorme admiração por ambos. Sinto-me orgulhoso da disposição que meus tios carregam para promover o letramento acadêmico e cidadão junto aos seus alunos. Convivendo com essa admiração, decidi durante o SISU lançar minha nota para Ciências Biológicas, modalidade licenciatura.

Acredito que seja unanimidade que todos os alunos que optam de forma espontânea por algum curso atrelado à educação deseje a transformação da sociedade por esse segmento.

Embora saibamos da realidade da esfera pública, carregamos o anseio por mudança. Semelhante a um relacionamento, tendemos a enxergar somente os pontos positivos da nossa escolha, colocando em segundo ou terceiro plano a realidade e seus pesares. Todavia, com o tempo essa dura realidade aflora, obstruindo parte de nossas idealizações. Comigo, esse processo não poderia ser diferente. Durante o penúltimo semestre do curso veio aquela crise de fim de ciclo, e aquela dúvida se realmente eu queria seguir na área da educação. Acumulei algumas experiências negativas, com destaque para o desestímulo dos estudantes frente alguns trabalhos meus. Nessas situações, fica aquele sentimento de falta de reciprocidade. E nenhum "relacionamento" consegue fluir sem reciprocidade. Optei por dar tempo ao tempo, afinal, meu último semestre seria um tira-teima: calhei de pagar ambas as regências (fundamental e médio) no último período de curso. Desenvolvi as atividades do Estágio Supervisionado para Formação de Professores IV na Escola Estadual Professor Eliah Maia do Rego, localizada no município de Parnamirim (RN).



Diego Vinícius Medeiros de Carvalho

Profissionalmente, graduando em Ciências Biológicas na modalidade licenciatura. Pessoalmente, maratonista apaixonado por séries e amante sofredor de sertanejo.

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

Atuar como professor de uma turma do Ensino Médio na referida escola me proporcionou profundas reflexões. Seria impossível tais reflexões não irem de encontro ao meu dilema relatado no parágrafo anterior, com relação às minhas incertezas. Essa experiência de estar dentro de sala de aula seria fundamental para determinar minha posteriori com relação à educação. Então, sem mais delongas, seguem algumas dessas reflexões e razões da educação ser um desafio nível hard e minha escolha em detrimento de aceitar ou não esse desafio para a posterioridade...

PORQUÊ N°01 - ESTEREÓTIPO

Vivemos em uma sociedade onde os estereótipos construídos em torno das escolas mascaram sua realidade, como se uma fortaleza se erguesse sobre os prédios escolares e impedisse que olhemos com atenção esse ambiente tão peculiar. Não estou querendo induzir que a educação pública viva seu melhor momento, por que não estamos nem perto disso. Estou querendo evidenciar que o ambiente público e escolar não resume-se a uma catástrofe diária. São relatadas tantos casos assustadores sobre o ambiente escolar na grande mídia que imediatamente pessoas mais distantes desse ambiente podem associar escolas à sistemas presidiários.

Essa sensação errônea das escolas públicas está tão enraizada na nossa sociedade que até eu, que percorri todos os anos da educação básica em escolas públicas, criei um medo em relação à mesma. Vizinhos e familiares me relataram histórias assustadoras sobre as escolas de bairro de Parnamirim. Todos esses repasses me assustaram ainda mais, no período pré-estágio. Entretanto, ao adentrar e vivenciar aquele espaço, percebi o quão exagerado eram os relatos que recebi. Os jovens que frequentam aquele ambiente são apenas jovens: com comportamento e conversa de jovens. Penetrar a fortaleza repletas de chavões sobre o que é uma escola e realmente enxergar o que é uma escola me fez perceber a normalidade daquele ambiente.

PORQUÊ N°02 - ENSINO MECANIZADO

Em algumas circunstâncias podemos notar que há uma discrepância entre o ideal fomentado dentro das universidades e a realidade das instituições públicas. Debates a importância do construtivismo e de modelos mais ativos de aprendizagem, visando uma educação significativa, mas o sistema obriga de forma impiedosa a permanência do tradicional.



“Vivemos em uma sociedade onde os estereótipos construídos em torno das escolas mascaram sua realidade...”

O Ensino Médio amargura ainda mais nesse perspectiva em função do ENEM. Volta-se uma educação exclusivamente voltada para o referido vestibular e negligencia-se os demais pontos da importância da educação. Percebo que os professores acabam tornando-se mais uma vítima desse modelo de ensino. Afinal, por mais que anseiem por fugir da educação bancária, lecionar no Ensino Médio tornou-se sinônimo de ensino preparatório ao ENEM. Confesso que tal cenário não me estimula, afinal, educação não é isso.

PORQUE Nº03 - DESESTÍMULO/DÊ ESTÍMULOS

Diferente de gerações anteriores, na qual a instituição escola configurava-se como a principal fonte de conhecimento, as gerações atuais adquirem mais informações fora das paredes da escola. Em função da forma maçante em que o processo de aprendizagem perpassa, estar dentro da escola soa como algo desestimulante. Apesar do bom comportamento da minha turma ao longo das aulas e do engajamento da mesma nas aulas expositivas dialogadas, tenho certeza que esse cenário não é unanimidade em todas as escolas Brasil afora. O ambiente de sala de aula hoje deve ser problematizador, caso queira mudar sua visão perante seu grande público. Dentre todas as aulas e atividades que ministrei, noto que o desafio de construir a árvore filogenética dos artrópodes foi o ponto alto da minha sequência didática. Quebrando as expectativas dos alunos, nesse dia eles quem tiveram que exercitar seus neurônios para tentar compreender a complexidade da cladogênese e a relação daquele material didático com as aulas até então ministradas. Embora não saibam de forma técnica, naquele momento estavam dando significado à aprendizagem.

“(...) quantas vezes paramos para refletir sobre o desestímulo dos professores?”

Nunca deixei de enxergar essa nobreza de lecionar. Talvez, em função disso, sem colocando em pauta minha permanência na educação; sempre houve uma intenção para meus dilemas. Nessa reta final de tomei a decisão de aceitar a missão que designada após receber o diploma de em Ciências Biológicas. Mas como em relacionamento, isso é um sinal verde momento viabiliza. Quero continuar por motivos para acreditar e seguir nessa jornada. Como todo e qualquer relacionament almejamos o “para sempre”, mas sabe para sempre um dia pode chegar ao fim

Muitas vezes paramos para problematizar o desestímulo dos alunos. Mas quantas vezes paramos para refletir sobre o desestímulo dos professores? Durante o período de observação, pude acompanhar o dilema de uma das professoras que mais me apareceu engajada com a educação naquela escola. Em um certo dia, ela entrou na sala dos professores alegando que estava para desistir de uma dada turma. Que apesar dos seus esforços, a apatia permanecia no semblante daqueles estudantes. Embora quase sempre o professor seja estimulado a promover uma auto reflexão sobre sua didática, sim, existem cenários na qual as melhores das didáticas é gradativamente quebrada em função de comportamento de negligência. Há negligência por parte do Estado, por parte da sociedade, por parte dos familiares, por parte dos estudantes e, por vezes, esse sentimento torna-se tão generalizado que até nós mesmo nos negligenciamos.

RESULTADO

Por intermédio de poucos motivos, vemos que ser professor na atual conjuntura é um desafio pessoal. Quando tiramos aquele olhar apaixonado da profissão então, vemos o quão doloroso esse processo pode tornar-se ao longo do tempo. Entretanto, quando conseguimos encontrar a nobreza da profissão, ganhamos uma armadura para esses confrontos inevitáveis.

